

ACADÊMICO

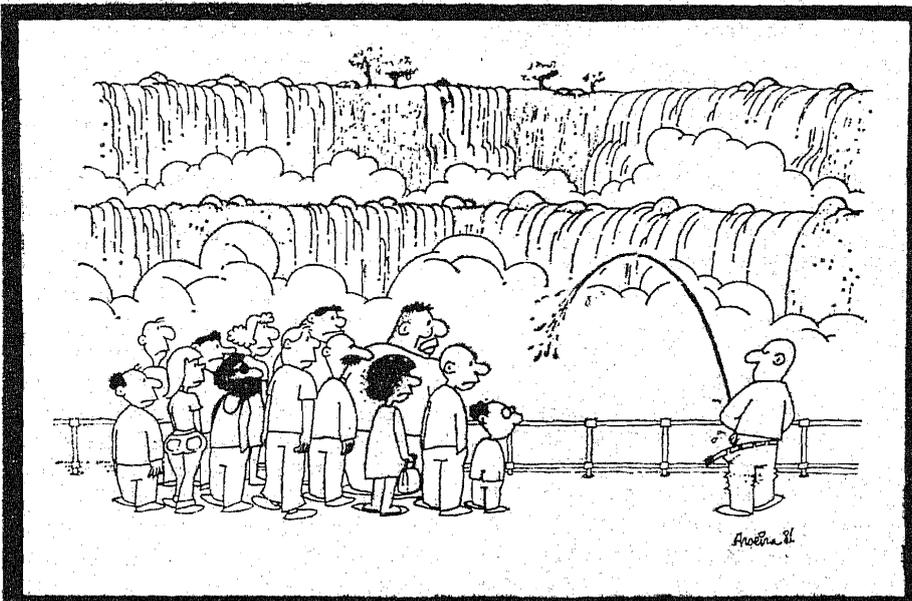
jornal catarinense de opinião
EM CO-EDIÇÃO COM O DCE DA FURB

ANO VI * Nº 54 * MAIO/81 - BLUMENAU - SC CR\$ 20,00

Mijando para cima e para frente neste salão de humor

Será aberta sexta-feira próxima, dia 17, na Galeria Municipal de Artes — rua Angelo Dias — a segunda edição do humor brasileiro, a exposição Criaturas II, salão de humor que reunirá cartunistas de diversos estados brasileiros, numa promoção do Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau combinado com a Fundação Nacional de Arte.

Nomes consagrados do cartum nacional, como Millôr Fernandes, Juarez Machado, Zélio e Lan, juntam-se a nomes como os dos catarinenses Bonson, Cao, Edison Machado e de humoristas novos ou ainda desconhecidos do grande público de Blumenau como Humberto, Guidacci, Elihu, Aroeira, Lailson, Lage, Mino,



José Vieira, Lor Dino, Marco Aurélio, Jun, Mariza Dias, Milson, Sinfrônio, Rekern, Glauco, Racsow, Oscar e Eduardo, numa mostra já consagrada pelo público de sete estados e que traz o humor brasileiro de hoje e de amanhã.

A proposta da Funarte, promovendo exposições como esta que será aberta em Blumenau, com um coquetel marcado para as 20h30 min de sexta-feira, é de divulgar a nível nacional, o trabalho dos experientes cartunistas, (mas também e especialmente dos mais jovens objetivando introduzir no mercado uma geração que encontra dificuldades em veicular seus desenhos pelo pouco espaço geralmente reservado pelos jornais.

Greve dos professores:
do telefone
à tribuna

Das desvantagens
de ser um
universitário

Conselho
Municipal
de
Cultura

Uma entrevista inédita e exclusiva com :

CARLOS LYRA:

ESQUERDA, DIREITA, CENTRO, E FINALMENTE, A MUSICA!

ACADÊMICO

Empresa Editora Jornal Acadêmico Ltda.
 Rua Amazonas, 1128
 Caixa Postal 1124
 98.100 - Blumenau - SC
 CGC - 83.949397/0001-63
 Junta Com. - 42200451 - 40
 Registrado no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

*

O jornal ACADÊMICO foi fundado em 1975 (6 de junho), premiado pela Parker Pen do Brasil com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker aos melhores informativos universitários em todo o território nacional. O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades Brasileiras e mesmo, em algumas Estrangeiras. Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Bolívia, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil

*

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e opiniões, para isso está com as portas abertas.

*

Diretor e editor-responsável
Oldemar Olsen Jr.

*

Redação

José Endoenga Martins
Maria Odete Onório
Roberto Diniz Saut e
Oldemar Olsen Jr.

*

*

Os conceitos e idéias emitidos em matérias assinadas não expressam, necessariamente, a opinião do Jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da "Fundação Casa Dr. Blumenau - Santa Catarina"

CARTAS

Leandro Konder

... Você desapareceu das folhas que este outono democrático (?) vai despejando sobre a minha mesa. Ficou de pé, no entanto, a lembrança de uma figura combativa, aberta, de coração que se sabe aonde queimar-se.

Li a tua entrevista com o Leandro, no Acadêmico de abril. Excelente, e dando àquele companheiro o realce que ele merece.

Com o velho abraço deste poeta que o espera mais uma vez para alguns copos de cerveja e vodka e uma troca de idéias sobre este mundo que tanto nos fragmenta. (MOACYR FÉLIX) — Rio de Janeiro.

João Antônio

... Recebi pelo amigo Enéas Athanázio, o exemplar n.º 52 do Acadêmico, onde se encontra a entrevista que o nosso lutador João Antônio lhe concedeu. Assim que me chegou às mãos o tablóide, o contista me informou a respeito dessa publicação, pois vivo à cata de tudo quanto se escreve no Brasil sobre o autor de "Dedo-Duro" (a sair). No artigo "erros & acertos", que Enéas Athanázio no Jornal de Sta. Catarina (de 26/27 de abril último), você encontrará uma referência à minha dedicação a Lima Barreto. E como sou, como o João Antônio, um inveterado barretiano, gostaria de sugerir que você (permita-me a intimidade, que é recíproca) convidasse o João para falar aí em Blumenau sobre o romancista cujo centenário de nascimento o Brasil está comemorando. Assisti a palestra que o João proferiu em São Paulo, para os estudantes da Escola Íbero-Americana, e foi excelente. Não sei se Sta. Catarina prestou alguma homenagem a Lima Barreto. Se ainda não o fez, a presença de João Antônio será uma boa pedida. João Antônio deverá falar aqui em minha pequenina Itapira em fins de agos-

to... No mais parabéns pelo excelente jornal que você faz aí em Blumenau. Parabéns pela inteligente condução da entrevista com o João Antônio. Disponha do amigo. (JÁ-COMO MANDATTO) — Itapira — SP.

Acadêmico

... Escrevo e também, tenho batalhado por um espaço para gritar. Tenho 21 anos, sou estudante de jornalismo, e tenho alguns poemas e artigos publicados em jornais daqui de "Sampa". Gostaria de conhecer "Acadêmico", colaborar regularmente no mesmo e, é claro, divulgá-lo aqui em São Paulo, não só vendendo exemplares mas transando fontes... estou enviando-lhes três poemas, e fico aguardando breve contato, um abraço sincero e votos de força. (LUIZ SÉRGIO DE VIVELROS) — São Paulo.

Rio de Janeiro

... Li o último número do Acadêmico, que tão amavelmente recebi. Vocês estão de parabéns! (RUTH BUENO) — Rio de Janeiro.

Nota da Redação — Ruth Bueno autografa seu livro: **Diário das Máscaras** (segunda edição) publicado pela Editora Fontana e Livraria Dazibao.

—x—

Arapongas

... Há diversos anos estou recebendo, com grande satisfação, o jornal "Acadêmico" que muito tem colaborado nas aulas de Língua Portuguesa em nossas escolas de 1.º, 2.º e 3.º graus. Agradeço sinceramente pela atenção e cortesia.

Tendo em vista, que a partir de agosto, deste ano, estarei residindo no Paraná, gostaria que o referido jornal continuasse visitando minha casa conforme o novo endereço: (GENY MARIA DAL PIZZOL) — CP 777 — Arapongas-PR.

Ainda sobre João Antônio

... Parabenizo pela excelente entrevista com o escritor João Antônio. Seria interessante se você, através do Jornal ACADÊMICO pudesse fazer uma entrevista semelhan-

te com o MEC, com um editor, com um distribuidor, com um livreiro, um leitor, um professor, um estudante, assim poderíamos ter todos os ângulos referentes a esta entrevista, o que você acha? Abraços, (CLAUDETE M. MANGARIELO) — Depto. de Promoções da Editora Alfa-Omega — SP.

Nota da Redação — A idéia é boa e estamos preparando uma pauta para as pessoas sugeridas.

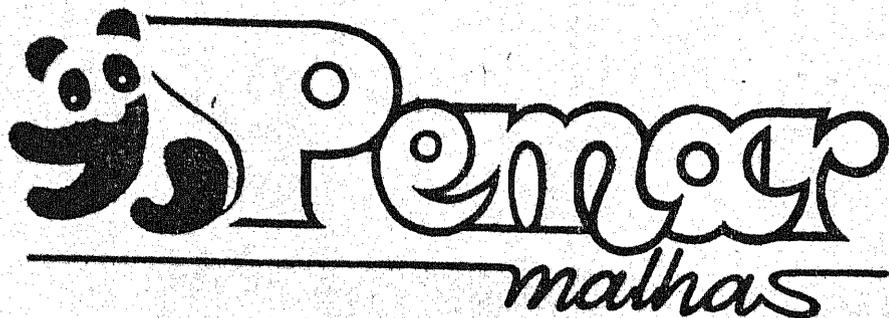
—x—

Recebemos e agradecemos ainda as seguintes correspondências e convites: IBREX — Distribuidora de Livros e Material de Escritório Ltda., União Paranaense dos Estudantes de 1.º e 2.º Graus, União Gaúcha dos Estudantes, Livraria Zapata (São Paulo), Luiz (São Paulo), Fundação Catarinense de Cultura (Fpolis.-SC), Associação Catarinense de Escritores (Fpolis. — SC), Escola de Minas e Metalurgia (Minas Gerais - MG), Editora Rio (São Paulo), Revista Módulo (Rio de Janeiro), Revista Alfa-Centauri (B. Horizonte-MG), Cantam os poetas, revista (Marília - MG), Associação Catarinense de Bibliotecários (Fpolis. - SC), Editora Fontana (Rio de Janeiro), Moacyr Gomes de Oliveira (Joinville - SC), Editora Civilização Brasileira (Rio de Janeiro), Jornal Leia Livres (São Paulo), Jornal O Escritor (União Brasileira de Escritores - São Paulo).

— o —

MÓDULO agora é mensal. E isso representa mais uma prova da força e da vitalidade da arquitetura, das artes plásticas brasileiras. MÓDULO é, atualmente, o veículo mais importante e de maior destaque no setor. 45.000 é a sua tiragem. 15.000 assinantes. Universo de leitores estimado em 140.000 leitores.

NOVO END: Rua Professor Alfredo Gomes, 28 Tel. 246-8216 - CEP 22251 - Rio de Janeiro



Pensar
malhas

CAMISETAS PROMOCIONAIS.

CAMISAS, CAMISETAS, CONJUNTO EM MALHA DE ALGODÃO

Rua General Osório, 950 - C.P. 2088

Fone (0473) 22-4438 - Bairro da Velha - Bl. SC.

COLUNÃO

Um compromisso maior com a verdade

O PÊNIS DO ANO

Com esta manchete, a edição número 628 do semanário PASQUIM foi apreendida por ordem do Ministro Ibrahim Abi-Ackel (quase toda ela) pelo interior deste Brasis afora, ainda se encontra. Pontilhado de irreverência, o semanário carioca continua batendo todos os recordes de sobrevivência, de apreensões, de processos... e de alvo para a extrema direita continuar jogando suas bombas.

MIJANDO PARA CIMA... E PARA FRENTE

Seguramente é a forma mais displicente de receber uma notícia de greve, porém, constitui-se na maneira mais incorreta de conduzir uma greve. Enquanto houver gente sendo manipulada por terceiros para atender interesses mesquinhos, numa "porra-louquice" desmesurada, estes movimentos tenderão ao fracasso o que invalida até a própria idéia da greve. Só uma dica para as ameaças inconseqüentes de haver greve... Ou se faz ou não se faz... a ameaça é apenas um aviso de timidez e insegurança.

A POSIÇÃO CÔMODA ERA A DE NÃO TER POSIÇÃO

Com respeito a um debate feito na Televisão entre Jayson Barreto e Espiridiano Amin... depois da seção amplamente debatida, alguns jornalistas realizaram uma espécie de avaliação atribuindo notas aos debatedores... um dava 3 para um e 6 para o outro, etc. Mas teve um cidadão (entre os muitos que avaliaram) que deu nota 8 para os dois... assim, imaginou não se comprometer com nenhum dos dois pretensos candidatos ao governo... provou novamente (além de ser um tripuador de cadáveres) e os exemplos estão aí (Usival, Pe. Vertolino, Burle Marx)... que a minha posição é não ter posição... deveria ser o seu slogan!

"JÂNIO: 20 ANOS DE RENÚNCIA"

É o título de outro documentário que está sendo concluído, dirigido pelo catarinense (e não paranaense como disse a Folha de São Paulo) SILVIO BACK. Filme que deverá ser exibido por ocasião do 20º aniversário da Renúncia de Jânio.

VOTO DO ANALFABETO

Com todo o respeito pela demagogia ediliana, com todo o respeito pelo interesse "falso" pelo ser humano... com todo o respeito pelo próprio que não teve condições de ter condições... mas não dá... compreendemos que seja prático (embora extenuante) buscar um analfabeto, juntamente com sua família em casa para votar, basta explicar semioticamente (coisa que nem Roland Barthes compreenderia) e o indivíduo creditaria sua interferência através de símbolos... o perigo não é o analfabeto, mas o semi-analfabeto que pleiteia o seu apoio.

SEM SABER O QUE FAZER COM O DINHEIRO

Existem algumas prefeituras pedesistas, bem como, algumas instituições governamentais (dispondo de recursos) que não sabem o que fazer e nem como fazer... basta apreciar as publicações que editam... puta que as pariu!

CULTURA PELA CULTURA

Fomos os únicos (em todo este Brasil) 8.511.189 Km2 a publicar o regulamento do "Prêmio Cruz e Souza" gratuitamente o que nos coloca em uma posição constrangedora, dá a impressão que atuamos com a interferência divina... mas é só para explicar para católicos, evangélicos e luteranos e aos que acreditam que não acreditam... uma homenagem póstuma ao crioulo, nosso poeta maior.

Vianna

e a nova Prefeitura de Blumenau

O prefeito Renato Vianna, ao entregar, ontem, o novo traçado da rua dos Caçadores, anunciou para o dia 1.º de maio de 1982 a inauguração do prédio da nova Prefeitura de Blumenau ("a mais bonita do País", segundo ele) e garantiu para o segundo semestre deste ano o início dos trabalhos de implantação do Estádio Regional. "Com isso", assinalou, "teremos cumprido

com uma largura de 15 metros da rua dos Caçadores, bem como da rua Hermann Huscher.

Na retificação e alargamento da rua dos Caçadores, iniciada há cinco meses, a Prefeitura de Blumenau investiu a quantia de Cr\$ 24,6 milhões e enfrentou, segundo o prefeito, "uma série de dificuldades e obstáculos, com destaque para a má vontade da Celesc



Renato Vianna e a maquete da nova Prefeitura.

todo o elenco de promessas, eleitorais, estaremos credenciados a pedir ao povo blumenauense que, nas eleições de 1982, dê o seu apoio e o seu voto aos candidatos que militam na legenda partidária a que pertencemos". Depois de enumerar para o público presente as obras realizadas em sua gestão no bairro da Velha, Vianna informou que o Executivo está pleiteando junto a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos — EBTU — e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano (CNDU) a liberação de recursos para realizar a pavimentação dos 4 quilômetros agora retificados e implantados

que, como já aconteceu em outras vias públicas, não proceda a remoção dos postes de energia elétrica, obrigando a Prefeitura a fazê-lo".

Além do alargamento de 6 para 15 metros, a Secretaria de Obras e Serviços Urbanos plantou em toda a extensão da rua dos Caçadores 600 árvores, executou a hidro-semeadura numa área de 10 mil metros quadrados de cortes e aterros, realocizou 88 postes de energia elétrica, implantou 500 metros de canalização, construiu uma galeria de concreto armado de 25 metros, tendo movimento em terraplenagem um volume de 50 mil metros cúbicos de terra.

Cuba: Anotações sobre uma revolução

Livro de Eric Nepomuceno "que oferece as chaves para entrar no processo cubano e compreendê-lo como ele é belo e manchado de barro

humano"... São palavras de Eduardo Galeano sobre esta obra editada pela Alfa-Omega Breve, em espanhol e inglês.



ROBERTO DINIZ SAUT

Blumenau tem chamado para si muitos méritos em termos de cultura. Seus filhos ou mesmo aqueles que, nascidos em terras outras, mas radicados nesta cidade sorridente, contribuem, muitas vezes, silenciosamente para o grande monumento da cultura blumenauense. As raízes dessa proparada e original fonte, revestidas de uma natureza, de um povo, de acontecimentos muitas vezes virgens e provincianos, têm propiciado aos verdadeiros obreiros da arte um turbilhão de motivos para consagrar o momento exato e criativo dos seus reflexos captados. Blumenau, o verde-vale do Itajaí, são fontes verdes, sociais, econômicas, religiosas, políticas, vivenciais que derramam seu ardente veneno, porém, beijado pelo doce sabor do trabalho, da organização, do progresso.

Quanto mais o ser humano tenta aprofundar suas raízes ao habitat, tanto mais ele se compromete com a responsabilidade de cultuá-lo e perpetuá-lo para o além do futuro, ainda mais distante e inalcançável pelas suas tenras fibras da vida corporal.

Nesse sentido pleno de retratar seu ambiente, de con-

Conselho de Cultura:

Pólo de Assessoria Externa

servá-lo, de orná-lo, de completar sua face com moldes humanos e históricos é que um grupo de responsáveis pela preocupação maior aconselhou ao Senhor Renato de Mello Vianna, Prefeito Municipal, homem também sensível ao infinito sabor da cultura, a criação do Conselho Municipal de Cultura, não bastasse já toda a existência de ilhas culturais semeadas pelo território municipal. Outra causa, bem pensada, que levou aos argumentos finais: unir as ilhas culturais e apresentar ao concreto sentido do trabalho racional de resultados o grande cenário da literatura, da arte, da ciência e do patrimônio histórico e paisagístico da terra de Dr. Blumenau.

O Prefeito Renato de Mello Vianna aceitou o desafio e de imediato remeteu à Câmara Municipal o projeto no seu conteúdo geral. A Câmara de Vereadores reconheceu a validade do projeto aprovando-o e remetendo-o à sanção do Senhor Prefeito, que aconteceu no exato dia 22 de maio de 1980.

Ao sancionar o projeto, após a aprovação formal do Legislativo, Renato Vianna inaugurou a pedra milenar da cultura, reunindo tendências, oportunizando a evocação de opiniões externas ao seu Governo no plano cultural, desarticulando para uma ação mais convincente ao público passivo as atividades, em monopólio, escondidas à realidade visual, de artistas, de escritores, de professores e de críticos. Na realidade a administração pública merece não apenas o cuidado dos agentes

diretos políticos e administrativos senão também a dose exata, profunda e real das assessorias externas. E o Conselho de Cultura, na revelante fundamentação que pode propor, vem ao encontro da opinião alheia ao já caminho tomado pela administração na sua visão administrativa, política e social, fortalecendo sua preocupação não apenas com o belo, mas também, com a perfeita sincronia entre o belo, o perfeito e o desejável.

Nesses termos o Conselho de Cultura pode ser um órgão opinativo inclusive no meio paisagístico e de conservação do patrimônio cultural.

Blumenau é uma terra que merece ver o produto da criatividade dos seus filhos verter pelas ruas, pelas praças, pelos lares, pelos canais importantes da comunicação moderna, pelos campos, afinado sobretudo pela sensibilidade daqueles que exercem o poder.

A consagração de um trabalho não está apenas no egoísmo de provocá-lo, de acioná-lo, senão também na visão futura da sua permanência como fruto da preocupação social.

Em muito poderá o Conselho de Cultura, numa demonstração íntegra do seu objetivo veicular o padrão cultura que se reflete no mundo, na paisagem brasileira, no território catarinense e derramá-lo sobre a sedenta febre cultural a que é lançado o homem que vive ao ritmo da máquina consumidora do produto material, do produto consumido do mundo concreto.

A Lei, na sua sabedoria de

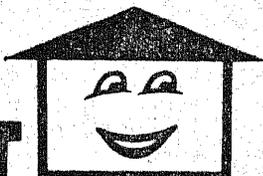
unir tendências heterogêneas, oportuniza a dezessete membros da sociedade de unir seus esforços aos objetivos do Conselho de Cultura numa complementação já dos seus individuais esforços pela perpetuação das suas idéias.

Cabe ao Executivo imbuir-se do bom senso para tentar congregar o espírito da lei e nomear os dezessete conselheiros "dentre personalidades de reconhecida idoneidade e representativas de Cultura Municipal", mesmo que o adjetivo municipal venha complicar sua decisão.

O Conselho de Cultura é dinâmico, desde sua proposição até a rotatividade dos seus membros. Numa população de cento e cinquenta mil habitantes pode-se cometer alguns senões em termos de nomes para a composição de um Conselho dessa importância. Talvez este motivo, aliado ao extremo cuidado que o Executivo deve ter em escolher, esteja contemporizando a definitiva nomeação dos nomes estudados. Creio que a primeira lista deva ser colocada à prova da opinião pública, deva ser jogada à experiência de 2 anos de trabalho para, então sim, usar o sistema de outras correntes olvidadas, não pelo "não merecimento" senão pela limitação de vagas.

A eficiência do Conselho de Cultura poderá ser medida pela capacidade e expressão individuais somadas ao conjunto.

Ao trabalho, portanto, porque o tempo não aguarda apenas soluções futuras.



PROBST

Estudante!

Crie, use, renove, construa.

Arber

ARNO BERNARDES

IND. E COM. LTDA.

FABRICA DE PARAFUSOS SEXTAVADOS
E FRANCESES, ARRUELAS DE PRESSÃO
E LISAS, PORCAS ESTAMPADAS A FRIO.

Rua Almirante Barroso, 1159 — C. P. 615 — End. Telegr. "Arber"
Fones (DDD 0473) 22-9622 — Telex 0473366 — Blumenau - S. C.

Deu no jornal "O Estado"

Distinguir é Preciso

Abelardo Sousa

Há um bom tempo, sou honrado pela direção do jornal Acadêmico com a remessa que me faz de um exemplar das suas tiragens. Houve ultimamente — é verdade — um hiato nessa remessa, por razões que desconheço, mas agora volta o Acadêmico ao meu endereço, a deleitar-me e a atualizar-me com a ação estudantil dos nossos moços e a instruir-me com os conceitos emitidos por gente moça e não tão pouca que aparece em suas páginas, através de artigos, crônicas, entrevistas e reportagens.

Aos que ainda não tiveram o prazer de ter o Acadêmico em suas mãos e ao alcance da sua leitura, esclareço que se trata de um "jornal catarinense de opinião", editado pela Empresa Editora Jornal Acadêmico Ltda., da cidade de Blumenau, em co-edição com o DCE da Furb. O seu diretor-editor é o jornalista Oldemar Olsen Jr., moço idealista, abnegado e culto. Não tenho o prazer de o conhecer pessoalmente, mas o Jornal me proporciona meio de fazer esse juízo a seu respeito, pelo que se escreve e pela maneira como faz o jornal: com garra e competência. A auxiliá-lo, tem um inteligente corpo redatorial, que honra o bem feito órgão da nossa imprensa.

O Acadêmico é um jornal que, afora as suas excelências, me toca muito de perto, porque é fruto do trabalho de moços integrados em uma terra a que estou preso por laços sentimentais muito expressivos. Ali nasci e ali nasceram meus dois filhos. Ali tive sete anos e exerci a minha missão de mestre-escola e diretor de escola, procurando orientar as gerações aos meus cuidados para um futuro feliz e promissor. E parece que

não fracassei. Sinto isso, ao constatar, por exemplo, que, entre muitos rapazes e moços, hoje plenamente realizados, que ensolararam a minha sala-de-aula, está o talentoso e conceituado cidadão Carlos Passoni Júnior, cujos méritos eu me orgulho de ter ajudado a burilar. Isso conforta. Meus alunos daqueles felizes anos 40 devem ser os pais de uma geração como esta, que faz o Acadêmico. Foram os componentes de gerações que preparamos intelectualmente, buscando integrá-las na vida e na realidade brasileira, mais pela força do amor e da persuasão do que estribados na bigorna odiosa de uma ação nacionalizadora a ferro e fogo como queriam — e o fizeram — muitos. Os abnegados mestres Celso Rila, Maria da Glória Mattos, Orlando Ferreira de Melo, Dair Mário Lago, Inez Maria Veiga ainda estão aí para, com outros desvelados mestres daquela época, confirmarem o que digo.

Bem, essa conversa já está virando raiz de capim-cebolla e preciso por em relevo o Leitgedanke deste escrito, que envolve, indiretamente, o Acadêmico.

Sei que não é fácil ditar sentenças que a todos agradam. O que agrada a uns muita vez desagrade a outros e vice-versa. Isso é da essência humana. Se não houvesse o "cada cabeça, cada sentença", possivelmente os homens ainda andariam a abrigar-se em cavernas e brigariam apenas pela comida e pela fêmea. Quem sabe foram aqueles os melhores tempos da criatura que ainda não sabia que era o homem sapiens?... Pois bem, o talentoso cronista José Endoença Martins, em seu escrito "Desconfiar, é preciso" (vg. 6, do Acadêmico de março pas-

sado), analisa, com inteligência, mordacidade e humor, a história da derrubada dos Diretores da Unidade de Coordenação Regional de Educação de Blumenau, para concluir que alguns deles "não eram lá aquela coisa e, agora se encontram na Supervisão descansando os velhos e cansados ossos. "E arremata assim o seu pensamento: "Meu Deus, como a velhice é ingênua, desatenta e supérflua. Não é à toa que a maioria se encontra trancada em asilos"

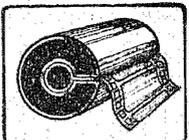
Bem, aí a coisa atingiu a minha estrutura. Tremi nas bases, porque, com os meus bem vividos sessenta e um anos, considero-me um velho, sem me considerar, contudo, um ingênuo, um desatento e um inútil. E com tristeza lamento a infelicidade do moço-cronista e fico a curtir as endoenças que me foram causadas pelo colega Endoença, fruto de uma inexplicável generalização dos velhos, no tocante às suas atividades e às suas potencialidades. Há velhos que se entregam à ociosidade, ao já fiz que tinha de fazer, ao Deus dará ou aos asilos, nesse caso, quanta vez, por falta de compreensão, humanidade e amor daqueles que não são ingênuos, nem desatentos, nem inúteis. Há, porém, os velhos "pra frente", cujo espírito arejado e empreendedor adota até o pitoresco linguajar dos moços — embora entre aspas — e não se esquiva de apoiar muitas das suas idéias, gostos e convicções. Há os velhos que não bancam o Pai Herói, nem querem ser os donos da moral, como ocorreu no superado caso da pornochanchada na TV. E os há em número infinitamente maior do que aqueles que se recolhem ao nada fazer, em suas casas ou asilos. Uma simples vista d'olhos por

esse mundo de Deus nos dirá que as mais expressivas figuras em todos os ramos da atividade humana já entraram no vestibulo da velhice. Outros já atravessaram a casa toda e alguns já estão no fundo do quintal. Veja-se o caso aqui no Brasil, de Dugênio Gudín, Carlos Drumond de Andrade, Paulo Rónari, R. Magalhães Jr., Oscar Niemeyer, Austregésilo de Athayde, Magalhães Pinto, Jorge Amado, para citar, na corrida, uns poucos dos muitos.

Assim como os velhos, há os moços inteligentes, criadores e atuantes e há os que "não querem nada com a Hora do Brasil" e vivem a gastar sua jovem energia física e mental (ha! se muitos velhos ainda a tivessem...) apenas em frivolidades, num doce far niente que, em muitos casos, tem conduzido tantos pelos caminhos do "Mato de Sono", do "Baseado" ou do "Fumo de Vassoura" em direção a um asilo muito mais triste e amargo do que aqueles aos quais se dirigem os velhos inativos por força da idade, das lides de uma longa vida de trabalho ou pela desumanidade dos que lhes deveriam ser mais gratos e atenciosos. E pelo que se lê e vê na imprensa escrita e televisada, parece que o número dos que precisam de asilo é bem maior na faixa-jovem.

Por tudo isso, discriminar é preciso. A generalização que ressalta do artigo citado magoa. Nem todos os velhos são Vertolinos, Ludmilas ou Florianis, como nem todos os moços são iguais a Michel Frank, Jorge Kouhr ou Pat Hearst.

Não me queira mal o Acadêmico pelo desabafo e continue a visitar-me. Dar-me-á sempre grande prazer.



CineFoto CARLOS

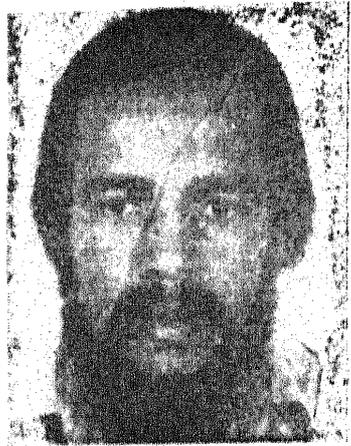
Câmaras - Filmes - Projetores - Revelações a Cores
Fotos p/Documentos, Casamentos Etc...

Rua Curt Hering, 320 — Loja 3 — Caixa Postal, 1467 — Fone 22-4333
Em frente ao Correio — 89100-BLUMENAU — SANTA CATARINA

ADVOCACIA

OSNI JOSÉ LENZI
e
JAIR GIRARDI

Rua X Vde Novembro
Ed. Itaçu 1º andar
— Ao lado da Habitasul —



José Endoença Martins

Cães & Gatos

Das Desvantagens

de ser

Universitário

Uma nova década está começando e, com ela, reaparece, logo nos primeiros dias do ano, entre estudantes saídos do 2º Grau e tocados pelo onipotente x salvador do Vestibular, a corrida desenfreada, desumana e desigual para a garantia de um banco nas universidades.

Muito se tem dito sobre a crise que emperra a educação brasileira, de modo geral, e o ensino superior, em particular, crise agravada na década de 70 e sem grandes perspectivas de solução no decênio de 80, salvo se ocorrer o surgimento de algum milagre. Diante deste quadro, eu me permito uma indagação direta aos futuros universitários: Qual a vantagem em ser universitário? A pergunta é relevante e a resposta é direta: nenhuma. Se não, vejamos.

Além da crise, de resto já mencionada, o que reduz a níveis baixíssimos a qualidade do ensino ministrado, há outros fatores que, se do conhecimento dos vestibulandos, talvez, os façam, senão recuar do passo que estão na iminência de cometer, ao menos, colocarão um pouco de luz nas suas mentes e os tornarão mais críticos diante de tudo que enfrentarão durante sua passagem pelas universidades.

Inicialmente é bom que o vestibulando saiba que encontrará, nas salas de aula, professores desmotivados no seu ofício, não só pela baixa remuneração que percebem (o cerne da crise) e pelas péssimas condições de trabalho a que estão submetidos, mas também pela nenhuma participação efetiva nas decisões importantes que envolvem o funcionamento da universidade. Os professores, nestas condições, viram vítimas e, quando exercem o justo direito de reivindicar melhorias para a classe, são tratados com descaso, invariavelmente.

Parece-me útil, também, que o vestibulando esteja a par de que, nestes últimos 16 anos, ocorreu uma reviravolta na filosofia do Governo em relação às universidades e ao ensino superior, o que trouxe, como consequência, na opinião dos educadores, maléfica, o império da quantidade em detrimento da qualidade. Assim, se em 1963 tínhamos 124 mil estudantes ocupando os bancos universitários, este contingente, em 81, anda beirando a casa de 1,5 milhão. E já que, para muitos, esta soma astronômica expressa a vontade do Governo de demorarizar o ensino superior

oferecendo o máximo de vagas para o maior número de estudantes, para mim, este contingente desproporcional gera, a cada final de ano letivo, um exército descomunal de formados mal preparados que, pela incapacidade da sociedade em criar um número igual de oportunidades de empregos, em cada área, ficam desempregados ou são obrigados a aceitar o primeiro emprego que lhes é oferecido, quase sempre com salários baixíssimos.

É oportuno, ainda, que o vestibulando perceba que aproximadamente 80% dos universitários brasileiros estudam nas universidades particulares onde o ensino é pago e caro. Ciente disto e, pretendendo auxiliar o estudante mais carente, o Governo inventou o Crédito Educativo que paga os estudos e a manutenção do aluno enquanto estiver na universidade e, somente, começará a cobrar a dívida um ano após o aluno estar formado. Isto equivale a dizer que o aluno deixará a universidade bem endividado e, se não conseguir um bom emprego já no primeiro ano, terá um triste futuro pela frente.

Finalmente, é urgente que se diga ao vestibulando que as

suas reivindicações, por mais justas que sejam, quase nunca são atendidas, que ele não terá nenhuma participação efetiva nos destinos das universidades onde os DCEs, órgãos máximos da representação estudantil, funcionam como meros apêndices formais na estrutura administrativa das universidades. Quando muito confeccionam carteirinhas estudantis, pastas e mantêm um refeitório com almoço a 50,00 o prato.

Não há dúvida que as soluções propostas pelo Governo para toda esta crise são meros paleativos, remendos pequenos numa colcha que já não encontra mais espaços para novos remendos. Uma reforma global e substancial não está nos planos do Governo. Prova disto foi a última greve nacional de professores universitários que terminou melancolicamente para as pretensões reformistas da classe. Na greve o único lance importante foi a queda de Eduardo Portela, ex-ministro da Educação. Todavia solução existe, e a esperança está neste novo contingente de universitários e no poder de pressão sobre o Governo da comunidade universitária.

O Governo, por conveniência, silencia e aguarda.



FININVEST

FININVEST ESPECIAL

COM ELE VOCÊ COMPRA A VISTA E PAGA À PRAZO.

Para adquirir o FININVEST ESPECIAL você não paga nenhuma despesa, faça o seu.

Rua Nereu Ramos, 43 — Blumenau - SC — Fone: (0473) 22-0868

KING'S

MARCAS E PATENTES

Agência Oficial de propriedade Industrial
89100 - BLUMENAU - S.C.

* QUEM NÃO REGISTRA
NÃO É DONO *

Rua 15 de Nov. 600 - Sede Própria
Cx. P. 576 - Fone (0473) - 22-5595

ENTREVISTA

Carlos Lyra



Carlos Lyra ganhou notoriedade com o movimento musical denominado Bossa Nova, juntamente com outros nomes de nossa música popular brasileira, como Chico Buarque, Nara Leão, Edu Lobo, Tom Jobim, Baden Powell e outros. Depois com a chegada da Tropicália (de Caetano, Gil e Bethânia) a coisa perdeu terreno para o novo

... Todavia, a novidade atrai mas não prende e é por isso que a evolução se processa.

Companheiro de músicos e compositores famosos como Vinícius de Moraes e outros já citados Carlos Lyra é dotado de uma auto-crítica muito grande que não lhe faz concessões afastando-o, amiúde, dos palcos, dos Shows e até mesmo, das gravações. Este afastamento, benéfico em muitos aspectos (porque dá lugar a meditação, a reavaliação de momentos musicais e de outras iniciativas) traz uma profunda carga de pessimismo (na medida em que canaliza uma grande energia acumulando-se e extravasando-se em forma de rebeldia e intolerância) que insurge-se contra uma das funções do artista numa sociedade de classes, justamente

aquela de interferir na realidade com o seu trabalho, mas deixando sempre uma perspectiva para o observador, para aquele que, menos dotado, vivencia sua criação através do assombro, mas nunca perdendo de vista o fato de, enquanto houver uma consciência, haverá uma esperança correspondente... é a condição para nos mantermos vivos e ativos.

O fato de Carlos Lyra ceder esta entrevista revelando muitos pontos vulneráveis, começando por sua descrença no próprio homem, tentando com isso, talvez compartilhar com os outros de suas dúvidas e angústias, mostra uma mentalidade científica voltada para novas descobertas e receptiva a uma mudança que redima o gênero humano. Por tudo isso, ele ainda luta... e onde existe a luta, permanece a esperança!

Esta vontade de modificar é que torna Carlos Lyra importante no contexto — onde só entra quem tem talento — e de onde se sai com sucesso pleno mas, invariavelmente, ainda com muitas dúvidas.

(O.O.J.)

ACADÊMICO — Você afirma: "Tenho certeza de minhas dúvidas", parodiando um filósofo — Quais são elas em relação a música?

CARLOS LYRA — Bem, em relação a música, elas são como parte da cultura do Brasil... e a cultura brasileira, eu não sei o que está acontecendo, porque depois da chamada ABER-TURA, eu nunca vi tanta mediocridade na minha vida. Em todas as áreas de arte, tanto no teatro como no cinema. Aliás, houve uma pergunta no debate (1) eu não pude responder porque não dava tempo, em que perguntaram porque o nosso cinema era só pornochanchada, tão subdesenvolvido?... a música tem uma rapidez de consumo muito maior... no cinema por exemplo, a nível do subdesenvolvido, ali não tem, a sobriedade, é necessário um equipamento, um conhecimento técnico muito maior para o cinema do que para compor uma música. A música só fica difícil na hora da gravação. No cinema, a sua própria linguagem já é uma linguagem técnica, você quando começa a fazer a música você já começa a fazer na câmara, então, a barra é pesada né, sem falar no script. Há uma técnica ali que praticamente impede que o nosso cinema seja um cinema de categoria como o cinema internacional, mas a minha preocupação é com a cultura em geral... com a cultura, já não é com a questão da música, da letra ou do cinema ou do teatro. A universidade, o ensino primário, o ensino secundário... o ensino da universidade, tipo loteria esportiva, em que o indivíduo assinala a resposta exata, tudo isso me preocupa... porque o nível

está sendo o mais medíocre possível e nunca tanto como agora.

Acadêmico — em relação ao livro há uma influência e uma invasão estrangeira, e com relação a música?

Carlos Lyra — Em relação a música, a invasão estrangeira, todo mundo já conhece qual é o processo. A música nacional apanha (seja ela boa ou ruim) da estrangeira (boa ou ruim apesar de tudo, porque o enlatado — através da televisão — entra aqui facilmente. Os caras trazem as latas, o produto lá de fora. Uma gravação brasileira, por exemplo, se eu for fazer isso vou gastar

DEPOIS DA CHAMADA ABERTURA, EU NUNCA VI TANTA MEDIOCRIDADE NA MINHA VIDA.

— sei lá — quatrocentos ou quinhentos mil cruzeiros e o enlatado não, ele já vem pronto em baixo do braço que passa facilmente na alfândega sem pagar nada, já protegido. A única competição em que nós podemos ganhar um pouquinho, é a nossa música medíocre contra a música de qualidade estrangeira... as pessoas estão preferindo o produto nacional ruim em favor do produto estrangeiro bom.

Acadêmico — Quem pôs a música brasileira em cheque-mate?

Carlos Lyra — Todo o sistema. O sistema inteiro. O subdesenvolvimento,

a cegueira de nossos governantes, a cegueira de nossa sociedade que cada dia está mais convicta, cada dia está mais cruel... eu que não sou religioso, no fundo tenho esperança na palavra de um cara como João Paulo II... chega aqui e dá uma abertura de idéias que, realmente, já deviam ter sido seguidas há muito tempo. Tomara que eles obedeam ao líder católico — ao qual eu não tenho nenhuma obediência a prestar porque eu não sou religioso — não sou católico praticante. Quer dizer, eu espero que o Brasil — um país católico — obedeça as orientações de João Paulo II... francamente.

Acadêmico — Você ganhou dinheiro com direitos autorais?

Carlos Lyra — Ganhei. Só que eu não ganhei o que eu merecia. Não é que eu não ganhei o que merecia, é que nos direitos autorais ainda há um roubo total. Existe uma confusão, um sistema complicado para se saber quanto se arrecada... a gente sabe que (apesar da complicação) alguma coisa da arrecadação fica nas mãos dos bandidos.

Acadêmico — A peça "Pobre Menina Rica" que você fez de parceria com Vinícius de Moraes, porque não foi encenada?

Carlos Lyra — Vale a pena mudar o nome da peça para "Pobre Menina Pobre" mesmo, quer dizer, não foi encenada porque é caríssimo de montar um teatro, um musical... muito caro. A produção teatral hoje, com poucos atores, custa caro... imagine um musical-música, atores, instrumentos... não dá. As poucas produções que nós temos aí, que aparecem, são apenas exceções à regra.

Acadêmico — Não sei exatamente se esta frase é tua, mas se for, podes falar sobre ela: a fajutice de cada um porque existe em todos, falando de governo...

Carlos Lyra — É isso mesmo. A fajutice existe no governo, na igreja católica, no Partido Comunista, nas direitas, nas esquerdas e no centro... contudo, eu acredito na opinião de cada um. Eu, particularmente, pertencço a esquerda... não pertencço ao governo e nem a igreja católica. Mas na própria esquerda — da qual me considero — na esquerda em geral, existe fajutice... existe a esquerda festiva, a esquerda cativa, a esquerda responsável... eu considero esquerda, uma ala que protesta contra a má distribuição de renda, contra a má distribuição de riqueza, contra a cegueira a remessa de lucros para o exterior, contra os testas-de-ferro, contra o Projeto Jari... isso

EU TAMBÉM ME SINTO CORRUPTO, E SINTO QUE SE NÃO ME VENDI AINDA É PORQUE NÃO CHEGARAM AO MEU PREÇO.

que eu considero esquerda... por isso que eu me considero mais para o lado esquerdo do que para o lado direito... eu não quero ser fascista, não quero ser machista, eu não quero certas coisas, por isso é que eu me considero do lado esquerdo... mas do lado esquerdo também existem as fajutices e os oportunismos.

Acadêmico — Você falou que o que vale é a opinião de cada um, acredita então, que existe ainda lugar para o "Dom Quixote" — ver. são 1980 —?

Carlos Lyra — Claro que existe... claro que existe. Tem que existir, porque o Dom Quixote não é um herói e nem uma vítima, é uma pessoa — prá ele o fundamental é o bem estar dos outros — então, até certo ponto eu me sinto quixotesco, também, eu não estou dizendo nada pelo meio, é que eu não sei comer — sentado num restau-

te — em frente a uma vitrine e de repente eu vejo pelo lado de fora aquele garotinho, aquele crioulinho entende, com as mãos sujas agarradas na vitrine olhando para minha cara comendo uma pizza, comendo uma tremenda de uma refeição e aquele pobre indivíduo olhando para mim... incomoda e depois quando ele entra e me seca para pedir uma esmola, a minha digestão fica fadia... não é só por ele que estou falando, por mim também, porque isto me perturba, isto me liquida, isto me faz sentir mal... eu saio de uma padaria com um pão em baixo do braço e tem um cara — com mais de cinquenta anos de idade — olhando para mim e dizendo: "eu estou com uma fome"... "eu estou com uma fome"... uma coragem... então, um cara dizendo que está com fome e pedindo esmola... eu fiquei pensando, "será que dou o pão para este cara"... não dou, porque não adianta... não vou resolver o problema dele dando este pão... quer dizer, eu acredito naquela história de que você não deve dar o peixe, deve ensinar a pescar.

Acadêmico — Com esta tua opinião, os sindicatos e as cooperativas, na verdade, então furaram?

Carlos Lyra — Nos sindicatos existe a corrupção também. Tudo tem furado, porque na nossa sociedade, neste momento, a corrupção é geral... se a gente não tomar cuidado vai todo mundo para o brejo mesmo, porque a corrupção é total. Eu digo eu também não é só os outros (que são todos corruptos) e eu estou numa boa não... eu também porque eu sei que vão se apoderar de mim a cada dia e isto é que está me desesperando. Então, cada dia criticando os outros é mais fácil, mas eu também me sinto corrupto, e sinto que se não me vendi ainda é porque não chegaram ao meu preço.

Acadêmico — Está bom e sobre a crítica musical, você acredita nela?

Carlos Lyra — Eu acho que quando a crítica é construtiva, ela é formidável, mas quando a crítica começa encher os ouvidos, assim tipo Tinhorão (2) e outras coisas, então a crítica passa a ser uma nova forma de censura... ela é nefasta...

Acadêmico — Sobre os Festivais da Canção, ainda existe lugar para eles?

Carlos Lyra — Eu, pessoalmente, não acredito em Festivais... porque o Festival se baseia — basicamente — na competição entre as canções. Eu não acredito em competição em arte. Existe compositores que são até altamente competitivos, acho formidável, deviam se dedicar ao esporte. Eu sou contra o Festival, na medida em que ele é um Festival de competição... se fosse um Festival de mostragem... para revelar o que há de bom e até mesmo, o que há de ruim... paciência... a gente aí, teria que agüentar... mas não é um Festival de "Mostragem", é um Festival onde a competição é um ponto de venda substancial para as pessoas participarem. Não é para mostrar talentos novos, é para botar os talentos novos — desde o princípio — competindo uns com os outros, então é uma porcaria.

Acadêmico — Na literatura, nós temos os concursos... e na música, qual seria outra maneira de revelar os novos, além do Festival?

Carlos Lyra — Eu acho que o Festival, apesar de tudo, ainda é uma maneira de revelar os novos... porque se os interessados estivessem dispostos a revelar os no-

A MÚSICA NACIONAL APANHA DA ESTRANGEIRA PORQUE O ENLATADO ENTRA AQUI FACILMENTE.

vos mesmo, não criariam este tipo de coisa, revelariam os novos através de outros artifícios, através de outras... não tenho respostas... só sei o que está aí... não estou aqui para dizer o que se deve fazer, estou aqui para dizer o que não se deve fazer... Prá começar...

Acadêmico — Falo mais da literatura porque minha vivência



Oldemar Olsen Jr. e Carlos

é mais literária, então, nós tivemos com a censura, a promoção de livros medíocres... não vou citar nomes porque sou amigo de muita gente... mas na música não aconteceu alguma coisa neste sentido?

Carlos Lyra — Claro que sim. Inclusive na literatura, você sabe o que publicaram meu há um ano e pouco atrás? Um livro de signos meu... depois que vi tanto escritor "maravilhoso" por aí, então resolveram publicar um livro de signos porque o "Carlinhos" é conhecido na música e coisa e tal... então vamos lá... eu tenho meu recado para dar, mas eu acho que existem coisas mais importantes para serem publicadas... em vez de publicar um livro de escritor idóneo e publicar um livro de peças de humor de Chico Anísio, entende... acho que o Chico Anísio tem todo o direito de escrever seus livros de humor para serem publicados, mas quantas coisas importantes, quantos livros didáticos importantes não foram publicados, entende, em favor do consumo? E quantas coisas medíocres, como você diz, foram publicadas e temos que aturar. Na música, o disco é a forma de você publicar... tem mediocridade, por exemplo que tem sido gravada amplamente por este país. Não dá para entender... mas dá para sacar o seguinte: que as pessoas que dominam, que tem o poder sobre os meios de consumo, eles conseguem um número

**Estudante.
Crie, ouse, renove, construa.**

**TOALHAS
indaial.**



Lyra

mínima resistência, agora, se você me apresentar literatura na televisão, vai haver resistência... as pessoas vão reagir, vão achar chato... então, não pode haver resistência. O que tem que existir é sub-literatura, é analfabetismo e subdesenvolvimento... está todo mundo fazendo isso. Então, o teatro, está fazendo teatro que não ofereça resistência, deve ser um teatro de consumo; a música, deve ser fajuta, sem vergonha, porque o público não vai oferecer resistência; a literatura, tem que ser pelo menos digestiva, onde o público não ofereça resistência... o que quer dizer tudo isso? NIVELAMENTO POR BAIXO. Mediocridade total. VIVA O BRASIL!

Acadêmico — Você já interferiu com o teu canto, com a tua música, na realidade brasileira?

Carlos Lyra — Eu só faço isso. O dia inteiro. Toda vez que vou cantar o Subdesenvolvido (3)... já cantei até no meio oficial... em Brasília... e o pessoal disse: "você vai ser preso"... que, presc nada... não vou ser preso coisa nenhuma... se eu fosse realmente importante, eu já estava preso há mais tempo... infelizmente a minha voz é pequena... o que pode acontecer é que de repente eu contamine alguém que tenha uma voz maior.

Acadêmico — Mas estes artistas de renome (e você está incluído entre eles)... que tem feito gravação fora... mas o problema foi cantado lá... você não acha que este pessoal deveria ter uma consciência de classe maior?

Carlos Lyra — Acho que todo mundo deveria ter consciência de classe. O ser humano deveria ter consciência de classe, porque a classe dor ser humano está condenada há muito tempo e, cada um em particular nos pequenos sindicatos, nas pequenas aglomerações, nos pequenos grupos, cantores, artistas, músicos, etc... escritores, todos os sindicatos deveriam funcionar... você vê que a nossa abertura foi muito esperta quando decretou a ilegalidade dos sindicatos, foi para isso... exatamente, para não haver essa colisão... e mais o fato de que existe uma tal... uma tal competição entre as pessoas, que os sindicatos

passam a ser negativos, porque os sindicatos vão tratar de botar as pessoas juntas... quando interessa, muitas vezes, numa competição, que cada um chegue primeiro, então, os sindicatos perdem o sentido, não é? Os sindicatos tem que ser feitos, não pelos artistas, mas por aqueles que ainda estão por baixo, por aqueles que ainda estão apanhando... que ainda tem alguma coisa a perder. Porque os poderosos, que já tem nome, que já tem disco gravado, já tem tudo como nós, podem facilmente entrar num sindicato, porque o sindicato tem pouco a oferecer, não tem nada a nos oferecer, porque o sindicato é para resolver o problema daqueles que não tem nada...

A FAJUTICE EXISTE NO GOVERNO, NA IGREJA CATÓLICA, NO PARTIDO COMUNISTA, NAS DIREITAS, NAS ESQUERDAS E NO CENTRO

então, acho que tem que ser feito pelas pessoas que não tem nada ainda, eles não vão chamar a gente como nós, nós já estamos com a crise a muito tempo.

Acadêmico — Eu acho que um elemento de renome em qualquer atividade, é uma espécie de tábua-salva-vida... porque se você deixar o autor novo lutar sozinho em qualquer campo, cria-se um círculo vicioso... você fecha o círculo... porque quando ele tiver renome ele vai fazer a mesma coisa...

Carlos Lyra — Foi quando eu falei em dar a oportunidade aos novos no Festival, porque já tem gravadora esperando o novo, o sucesso... para gravar e transformar ele... como Jessé (4) que foi sucesso nacional em menos de uma semana... grande oportunidade aos novos... e os outros novos que ficaram esperando? ...

Acadêmico — Tudo bem...
Carlos Lyra — E os outros novos que ficaram esperando?...

Porque não deram oportunidade a todos? "Bom, nós demos oportunidade, mas só ganhou um"... ora se só ganhou um, então que oportunidade é essa? Parece conversa fiada... tem que dar oportunidade a todos, isso sim que falta... oportunidade a todos nas escolas,

SE EU FOSSE REALMENTE IMPORTANTE, JÁ ESTAVA PRESO HÁ MAIS TEMPO...

oportunidade a todos de serem alimentados... isso não é um problema de arte, é um problema social...

Acadêmico — Se você pudesse falar ao Brasil, agora, o que é que você diria?

Carlos Lyra — Nada! Nada, nada... já disse tudo.

- (1) Debate promovido no Iº Congresso Nacional de Letras e Ciências Humanas no Rio de Janeiro — versando sobre Literatura e Música Popular — em que participaram, além de Carlos Lyra, Maurício Tapajós, César Costa Filho e Paulo César Pinheiro.
- (2) Refere-se a José Ramos Tinhorão, crítico de música popular brasileira citado também por Caetano Veloso em seu livro: Alegria, Alegria.
- (3) Título de uma canção de Carlos Lyra, uma sátira político-social ao homem brasileiro.
- (4) Nome de um compositor revelado no Festival da Canção (1980), ficou conhecido com a música: Porto Solidão.

EXISTE LUGAR PARA O DOM QUIXOTE PORQUE ELE NÃO É UM HERÓI E NEM UMA VÍTIMA, É UMA PESSOA PARA QUEM O FUNDAMENTAL É O DIREITO DOS OUTROS.

muito grande (de audiência) dizendo o seguinte: em televisão é preciso que não haja resistência por parte do público. Então, em Televisão tem que ser um programa maneiro, suave... bom, o Kojak mostra isso, muita suavidade naquelas porradas que ele dá, nas trombadas, nos tiros na cara, a gente aos poucos não tem resistência contra isso... então, eles tem razão ainda. É preciso que o povo não ofereça resistência, o po-

NOS DIREITOS AUTORAIS, A GENTE SABE QUE ALGUMA COISA DA ARRECADAÇÃO FICA COM OS BANDIDOS.

aceita o monstro, aceita o policial que mata o criminoso, aceita o criminoso que mata todo mundo até o final... tudo isso (não há resistência por parte do público) então faz parte do cinismo da televisão... novela, não há resistência por parte do público, então pode ser feita... Globo de Ouro, outros Festivais e outras porcaria mais que se apresentam em música, não tem a

dudalina
A LOJA QUE ESTÁ NA MODA
USE SEU CRÉDITO

A correspondência de Lima Barreto

(Enéas Athanázio)



LIMA BARRETO

Num dos inúmeros pronunciamentos aparecidos na imprensa, nos últimos meses, abardando o centenário de Lima Barreto (1881/1922), Luís Schwarcz, da Editora Brasiliense, informou que os dois volumes de cartas do escritor carioca não serão reeditados (1). Significa isso que, a partir de agora, esses livros só serão encontrados em "sebos" e nas mãos de sequiosos bibliófilos, convertendo-se à categoria das rari-

dades bibliográficas. Esses bibliófilos, — diga-se de passagem, — nunca foram devidamente considerados entre nós, ao contrário do que ocorre em países de arraigada tradição cultural, a eles se devendo a preservação de obras básicas da cultura nacional, muitas delas vítimas do desinteresse dos editores.

Com a supressão dos volumes de suas cartas, mais difícil ficará aos interessados, ainda que não sejam muito numerosos, o estudo de novas facetas da vida e da interpretação da obra de Lima Barreto, fato deveras lamentável, pois ocorre justamente no instante em que o país "redescobre" o autor de "Isaias Caminha". Além disso, como já ressaltado por muitos críticos, vem agravar a pobreza das nossas letras nesse gênero em que tão raras são as publicações entre nós, sem considerar quão difícil se tornará o conhecimento das "Obras Completas" desse escritor. Mesmo que publicadas com esse nome, não o serão.

Mas não é apenas por isso que a informação provoca lamentos. É que esses volumes de correspondência são

de uma leitura agradável e curiosa, desvendando aos olhos do interessado uma variada galeria de figuras de maior ou menor importância na época, todas se relacionando desta ou daquela forma, com o mulato orgulhoso de "Todos os Santos".

Contém os dois volumes algumas dezenas de missivas e suas respectivas respostas, endereçadas por Lima Barreto, ao longo de suas existência, a incontáveis pessoas e instituições. Foram coligidas por Francisco de Assis Barbosa, seu mais categorizado biógrafo, e por ele ressuscitadas de arquivos empoeirados, tanto no acervo do próprio escritor (hoje no Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional), como em livros e periódicos da época e nos arquivos de outras pessoas. Um trabalho criterioso, estafante, vagaroso. Deu-se ainda ao serviço de levantar os dados biográficos dos destinatários das cartas facilitando assim o melhor entendimento delas.

Ambos os volumes são prefaciados por Antônio Noronha Santos, subscrito o segundo como "B. Quadros", pseudônimo que usava. No-

ronha Santos foi, sem dúvida, o melhor amigo de Lima Barreto, mas seus prefácios excelentes, longe de peças comovidas ou lacrimosas, são peças muito bem escritas por um homem culto, vivido e experiente jornalista profissional e, mais tarde, bibliotecário. No primeiro tomo, analisa ele, de uma vista geral, a correspondência literária, na vida e na arte, culminando por um curioso enfoque das cartas limanas. No segundo, em trabalho mais antigo, recorda o primeiro encontro com o Lima Barreto de uma fase alegre e despreocupada das vidas de ambos.

É pena que a não reedição de um livro dessa categoria ocorra ante a total indiferença daqueles cuja voz poderia impedir que isso acontecesse. Fique, pelo menos, o registro de nosso inconformismo inútil diante da triste confirmação de que a Cultura perde mais uma vez para a Economia.

NOTA

(1) "Correspondência — Ativa e Passiva", Lima Barreto, Brasiliense, S. Paulo, 1956, 2 tomos.



TRANSPORTES DE CARGAS, ENCOMENDAS

MATRIZ

Rua Artur Balsini, 106 - Telefone 22-1300 — 22-2190 — 22-2410

End. Telegr. TRANSVALE BLUMENAU — SC

FILIAIS E AGÊNCIAS

JOINVILLE: Rua Inácio Bastos, 1139 - Centro Fone (0474) 22-1077 - Telex 0474(207)

FLORIANÓPOLIS: Rua Leoberto Leal, 1067 - Barreiros Fone (0482) 44-2937 - Telex 0482(212)

LAGES: Rua São Joaquim, 470 - Copacabana Fone (0492) 22-0571 - Telex 0473(466)

CHAPECÓ: Rua 7 de Setembro, 687 - Centro Fone (497) 22-1866

HERVAL DO OESTE: Rua Santos Dumont, 200 - Centro Fone (0495) 22-0616

CRICIÚMA: Av. dos Italianos, 735 - B. Sta. Augusta Fone (0484) 33-2903

TUBARÃO: Rua Roberto Zumblick, 871 - Centro Fone (0486) 22-0748

ITAJAÍ: Rua José Gall, S/Nº - Dom Bosco Fone (0473) 44-2291 - Telex 0473(425)

BRUSQUE: Rua Prefeito G. Schaeffer, 38 - Centro Fone (0473) 55-1360

SÃO BENTO DO SUL: Rua Aviador Harry Bollmam, 335 Fone (0476) 33-0220

CAÇADOR: Rua Fernando Machado, S/Nº Centro

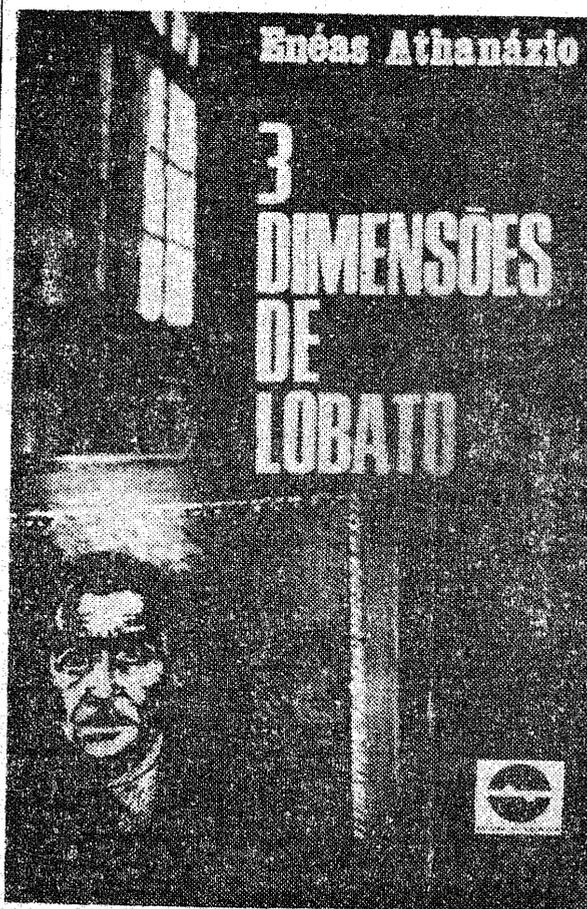
INDAIAL: Rua Carlos Schroeder, 168 Fone 33-0169

JARAGUÁ DO SUL: Rua Exp. João Sapella, 214 Fone (0473) 72 1911 - Telex 0474(330)

RIO DO SUL: Rua Ibirama, 1659 Fone (0478) 22-0544

TIMBÓ: Rua Blumenau, 863 Fone (0473) 82-0088

SERVIMOS BEM PARA SERVIR SEMPRE



ESTE LIVRO ESTÁ A VENDA EM:

FLORIANÓPOLIS

Livraria Catarinense
 Conselheiro Mafra, 47

Liv. Lunardelli - Victor Meirelles, ...
 26/28

BLUMENAU

Liv. Acadêmica - Antônio da Veiga 387.

Literatura

A IMPLOÇÃO DA MENTIRA

"NÓS O COMPREENDÍAMOS ASSIM, PORQUE ASSIM O QUERÍAMOS COMPREENDER."

Pero Vaz de Caminha

Afonso Romano de Sant'Anna

Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
que acho que mentem sinceramente.

Mentem, sobretudo, impune/mente.
Não mentem tristes. Alegremente
mentem. Mentem tão nacional/mente
que acham que mentindo história afora
vão enganar a morte eterna/mente.

Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases
falam. E desfilam de tal modo nuas
que mesmo um cego pode ver
a verdade em trapos pelas ruas.

Sei que a verdade é difícil
e para alguns é cara e escura.
Mas não se chega à verdade
pela mentira, nem à democracia
pela ditadura.

Evidente/mente, a crer
nos que me mentem
uma flor nasceu em Hiroshima
e em Auschwitz havia um circo
permanente.

Mentem, mentem caricatural-
mente:

mentem como a careca
mente ao pente,
mentem como a dentadura
mente ao dente,
mentem como a carroça
à besta em frente,
mentem como a doença
ao doente,
mentem clara/mente
como o espelho transparente.

Mentem deslavada/mente,
como nenhuma lavadeira mente
ao ver a nódoa sobre o linho, mentem
com a cara limpa e nas mãos
o sangue quente, mentem
ardente/mente como um doente
nos seus instantes de febre, mentem
fabulosa/mente como o caçador que quer passar
gato por lebre. E nessa trilha de mentira
a caça é que caça o caçador
com a armadilha.

E assim cada qual
mente industrial? mente.
Mente partidária? mente.
Mente incivil? mente.
Mente tropical? mente.
Mente incontinente? mente.

Mente hereditária? mente.
Mente. Mente. Mente.
E de tanto mentir tão brava-
mente, constroem um país
de mentira
— diária/mente.

Mentem no passado. E no presente
passam a mentira a limpo. E no futuro
mentem novamente.
Mentem fazendo o sol girar
em torno à terra medieval-
mente. Por isto, desta vez
não é Galileu quem mente,
mas o tribunal que o julga
herege/mente.

Mentem como se Colombo partin-
do do Ocidente para o Oriente
pudesse descobrir de mentira
um continente.

Mentem desde Cabral, em calmaria,
viajando pelo avesso, iludindo a corrente
em curso, transformando a história do país
num acidente de percurso.

Tanta mentira assim industriada
me faz partir para o deserto
penitente/mente, ou me exilar
com Mozart musical/mente em harpas
e oboés, como um solista vegetal
que sorve a vida indiferente.
Penso nos animais que nunca mentem,
mesmo se têm um caçador à sua frente.
Penso nos pássaros
cuja verdade do canto nos toca
matinalmente.
Penso nas flores
cuja verdade das cores escorre no mel
silvestremente.

Penso no sol que morre diária-
mente jorrando luz, embora
tenha a noite pela frente.

Página branca onde escrevo. Único espaço
de verdade que me resta. Onde transcrevo
o arroubo, a esperança, e onde tarde
ou cedo deposito meu espanto e medo.
Para tanta mentira só mesmo um poema
explosivo-conotativo,
onde o advérbio e o adjetivo não mentem
ao substantivo
e a rima rebenta a frase
numa explosão da verdade.
E a mentira repulsiva
se não explode pra fora
pra dentro explode
implosiva.

Visita à Brasília: Para a FURB, DCE



José Tafner
(Reitor da Furb)

Retornaram de Brasília o professor José Tafner (Reitor da FURB), Heriberto Afonso Schmidt (Presidente do DCE) e Antônio Ramiro Menestrina (Presidente da Co-

missão Organizadora do VI^o FUC).

O objetivo desta viagem foi celebrado como mais uma tentativa de se conseguir uma verba junto ao Ministério de Educação e Cultura para fazer frente aos gastos que a FURB teve com a construção do novo prédio, também, para amenizar um pouco o peso econômico das anuidades que, normalmente, recai sobre o estudante.

O resultado desta visita pode ser avaliado da seguinte forma: junto a Secretaria de Esporte, foi conseguida uma doação de uma quadra de esporte polivalente à FURB (podendo ter suas obras iniciadas ainda este ano); na Secretaria de Ensino Superior, soube-se que a instituição deverá receber para o segundo semestre uma soma (ignora-se exatamente o quanto) para auxiliar economicamente os programas e projetos já iniciados pela Furb. Também, junto a esta Secretaria, José Tafner recebeu a importância de 2,5 milhões de cruzeiros — importância esta que fará frente a defasagem criada com a subvenção do

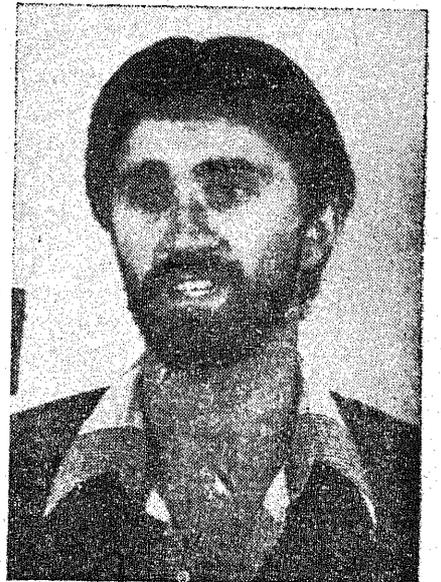
almoço oferecido aos estudantes no Restaurante Universitário.

Para quem está chegando agora, o almoço custa para o estudante, Cr\$ 30,00 e a Furb paga à empresa fornecedora 7% para complementar o valor real (Cr\$ 136,00) que o estudante deveria pagar se não houvesse este subsídio. O Diretório Central dos Estudantes tem uma participação ativa neste estado de coisas, pondo sempre o bem estar e a necessidade do universitário em primeiro lugar — principalmente, levando-se em conta que o estudante beneficiado nestes casos, normalmente, é de fora e já enfrenta dificuldades naturais (alojamento, emprego) e assim, tem — pelo menos — um lugar em que ele paga menos para se alimentar.

O Festival Universitário da Canção também receberá uma atenção (em termos econômicos) do Ministério da Educação e Cultura. Segundo Antônio Ramiro Menestrina ficou a promessa de uma verba para este ano (mesmo que não especificada), mas fica patente o interesse deste ór-

gão em promoções desta natureza.

José Tafner, por outro lado, afirma que estes recursos e a participação efetiva do MEC com auxílios econômicos para instituições particulares (como a FURB) faz parte de uma nova política objetivando valorizar as instituições sérias com um nível de ensino bom, e a Furb está entre as primeiras.



Heriberto A. Schmidt
(Presidente do DCE)

OS NOVOS VESTIBAS

Com o encerramento do prazo estipulado pela Associação Catarinense das Fundações Educacionais para inscrições ao Vestibular de Inverno 1981, a Fundação Educacional da Região de Blumenau registrou um movimento de 813 candidatos distribuídos entre os cursos de Economia, Ciências e Engenharia Civil. Antes são os cursos que a FURB estará oferecendo no segundo semestre e entre os 813 candidatos inscritos não está computado o número de vestibulandos que se inscreveram na FURB, mas,

que farão provas em uma outra instituição. Assim, Ciências (Noturno) tem 124 inscritos representando um movimento de 2,48 candidatos por vaga oferecida; Economia com 328 inscritos tem uma média de 6,56 inscritos por vaga e Engenharia Civil apresenta 191 inscritos com 3,18 candidatos por vaga.

As provas serão realizadas no mês de julho de acordo com o calendário que ora apresenta-se: Dia 12 — Comunicação e Expressão; dia 13 — Ciências I; Dia 14 — Estudos

Sociais; e dia 15 Ciências II. Salienta-se que as provas terão seu início, impreterivelmente, às 8 horas e seus terminos previstos para às 11,30 horas sem prorrogação. O candidato, agora que formalizada a inscrição, deverá retirar o seu Cartão Conformação de Inscrição, pessoalmente ou através de procurador constituído, nos dias 11 e 12 de junho no mesmo local onde procedeu sua inscrição, devendo no ato de retirada conferir minuciosamente todos os dados constantes do cartão.

Apenas para que o candidato saiba o que estudar, podemos dizer que a prova de Comunicação e Expressão constará de Redação e conteúdo de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. A língua estrangeira será Inglês. A prova de Ciências I constará de conteúdos de Física e Matemática, a prova de Estudos Sociais constará de estudos História, Geografia e OSPB e Ciências II conteúdos de Química e Biologia. Alertamos também para que o candidato esteja no mínimo meia hora antes do início das provas.

Bons Resultados e Para o FUC

O VIº FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO

As Comissões que estão organizando este VIº Festival Universitário da Canção (como se pode ver pela fotografia abaixo) encontram-se periodicamente para discutir o maior e mais importante evento universitário de nosso estado.

O VIº FUC será promovido — este ano — com a Tv Coligadas, Rádio Atlântida FM de Blumenau e com o Jornal de Sta. Catarina.

A organização fica (como não poderia deixar de ser) com o Diretório Central dos Estudantes de Blumenau, cuja comissão central está sob a presidência de Antônio Ramiro Menestrina.

Falando em presidência, eles (Antonio Ramiro e Heriberto Afonso Schmidt — este, presidente do DCE) estiveram em Brasília — ver a nota publicada em algum canto deste jornal irreverente, porém sério — e parece que o MEC destinará uma verba que, se não cobrir todas as despesas do Festival, pelo menos, aliviará a “barra” de muitos garçons que estão desempregados...

Na próxima edição, traremos maiores detalhes desta promoção.

Breve Histórico do II FUC

O IIº FUC foi realizado em 1976 quando era reitor então, o professor Ignácio Ricken. A presidência do DCE — Diretório Central dos Estudantes (ex-Associação dos Diretores Acadêmicos) estava com Roberto Diniz Saut e foi a primeira gestão em termos de DCE. Foi nessa época, sob a gestão de Roberto que se criou um estatuto para o Diretório Central e onde também, este foi considerado como um órgão representativo e respeitado.

Com relação ao Festival, foi criada a Coordenadoria Central Organizadora, sob a presidência de Silvio Borges de Jesus e a partir daí, para cada setor havia uma coordenadoria (instalação, recepção, imprensa, alojamento, alimentação, etc.) com isso, cada presidente de coordenadoria tinha uma tarefa e uma responsabilidade, os trabalhos foram divididos e o Festival Cresceu.

A secretaria-geral ficou com Oldemar Olsen Jr., a



Antônio R. Menestrina Pres. da C.C. Organizadora do VI FUC

executiva com José Luiz Dias de Souza, participaram também, Jean Vignois, Marilú Ribas, Maria Odete Onório, Angelo Augusto Alves, entre outros.

O Festival foi realizado no Ginásio Sebastião Cruz (Gallegão). Não houve — neste ano — o apoio dos poderes público Municipal e Federal (o prefeito de Blumenau era o sr. Félix Theiss).

O MEC — Ministério de Educação e Cultura doou a importância de Cr\$ 15.000,00 mil cruzeiros para a realização do evento. A promoção foi em co-participação com a TV Coligadas (um contrato que cedia o direito de co-promoverem o FUC por três anos, dividindo esta co-promoção com o Jornal de Sta. Catarina). Houve também a participação da TVE do Rio de Janeiro que filmou em cores o acontecimento. As indústrias locais participaram comprando ingressos e doando a seus funcionários.

Neste ano, não houve um Show de artista conhecido apenas os participantes... no entanto, no júri estavam os atores Ney Latorraca e a atriz Aracy Balabanian.

A música vencedora foi: “Viola, Violeiro” do extinto Grupo V. O. que hoje faz sucesso com o nome de Grupo Engenho (inclusive com um LP gravado).

Foi grande o sucesso deste Festival, muito bem organiza-

do. O palco fora desenhado e projetado em maquete pelo (hoje falecido) Gilberto Schneider — homem de muitos talentos, grande artista, dotado de uma sensibilidade rara, modesto, simples e que se empenhou com denodo para solucionar e contribuir com seus predicados (e experiência em cinema, Tv, Rádio) para o sucesso pleno do IIº FUC.

O cartaz que divulga o Festival Universitário da Canção, foi uma criação de Décio Saut, que venceu um concurso em que participaram diversos artistas de Blumenau. Também o troféu (entregue anualmente aos vencedores) foi idéia e criação sua, representa uma estilização do cartaz (uma clave de sol vista sob determinado ângulo e uma coluna grega, símbolo da arte em todos os tempos).

A participação foi maciça e houve até, uma canção chilena inscrita (o autor ganhou o prêmio de melhor intérprete).

As dívidas acumuladas durante o primeiro Festival (que foi feito sem um níquel de ninguém) no que cabia em termos de premiação foram pagas solenemente neste ano.

A partir deste Festival é que muitos órgãos, tendo em vista a seriedade com que tudo se conduziu e a organização limiando ao perfeito, passara a ter interesse em colaborar com verbas e outros auxílios de grande valia para que o mesmo se perpetuasse.



Da esquerda para a Direita: Claudemir Martino (Comissão de Alojamento), Antônio Ramiro Menestrina (presidente da Comissão Organizadora), Roberto Diniz Saut (Comissão de Instalação), Heriberto Afonso Schmidt (Presidente do DCE), César (Secretaria Ge-

ral), Caxito (Secretaria Executiva) e Oldemar Olsen Jr. (Responsável pela Gravação do Disco — LP com as músicas classificadas)...

Precisa ser muito ingênuo para acreditar que (sete marmanjos barbados) tenham tomado só três cervejas...

E o resto?

Greve dos professores:

Do telefone à tribuna



Maria Odete Onório

Na realidade o quiprocó entre o prefeito Renato Vianna de Blumenau e os professores da APREME da Rede Municipal de Ensino, iniciou quando um jornalista mais afoito resolveu publicar um bate boca por telefone entre ele e o prefeito. Antes quero explicar que os professores estavam a reivindicar desde maio reajustes salariais em torno dos seguintes percentuais: para os professores pós-graduados, 30 mil cruzeiros; licenciatura plena, 28 mil; normalistas, 19 mil e para professores não titulados 16 mil e 500 cruzeiros.

Alegando impossibilidade financeira da prefeitura para atender a reivindicação o prefeito cortou de cara a chance dos municipais se igualarem aos estaduais, ao menos os da faixa de licenciatura plena, quando em pleno impasse (descontentamentos, queixas,) pinta o bate boca telefônico — "tomara que façam greve...", teria dito o prefeito. Pronto. Para uma semana a imprensa blumenauense ti-

nha um prato cheio para degustar.

Bem feito para o prefeito. Pode ver as piranhas que o rodeiam e que mensalmente embolsam apesar da inflação, seus dourados vinténs. Serviu também para mostrar a ele, que apesar dos vinténs, não é todo mundo que quer vê-lo trilhando os históricos caminhos da Hercílio Luz. Enfim, por uma longa semana seus assessores rondaram com alguma dor de cabeça para dar o dito por não dito.

Acho no entanto, que quem saiu arranhada nesse alvissareiro bate-boca foi a APREME — Associação dos Professores da Rede Municipal de Ensino. O prefeito foi político e saiu ainda fortalecido da questão. A APREME, no entanto, saiu confusa da história, saiu arranhada porque não conseguiu provar à própria classe a razão da sua briga. E isso é tão verdade, que na reunião decisória do dia 13.07.81 no pátio da Escola Básica Machado de Assis, vários professores pediram para que seus nomes fossem retirados da lista que correu em solidariedade à associação, com receio de represálias. Ora, isso esvaziou a própria APREME que empreendeu na imprensa um verdadeiro fórum de debates visando beneficiar a classe. Mostrou que a sua aparente força estava apenas nos verbetes lançados pelos mais importantes jornais da região. Essa esvaziou quando seus próprios associados fugiram do páreo para

resguardar uma posição e um salário que não se encontram em qualquer esquina da cidade. Aliás, o episódio colocou dúvidas na própria capacidade de liderança de sua atual diretoria. Nenhuma resposta ou acusação publicados nos diários do Verde Vale, chegaram à Evaristo Poltronieri que tem um esquema mais retraído e mais ponderado de luta. Na reunião preliminar do dia 13.07.81, as cobras e lagartos saíram da boca do vice presidente da APREME, João Petry. Um excelente diretor de escolas, que classificou o tom conciliatório de Vianna de subjetivo, posições de um mandante e não de um mandado. Infelizmente para Petry, o carisma de Vianna vai dar aos professores novo reajuste somente no mês de outubro. E é isso que frustra qualquer espectador que se prese. O prefeito dizer que não pode pagar, tudo bem. Esse dá para entender.

O que é difícil compreender, são aqueles trezentos e poucos mestres que mataram um dia de aula para não fazerem absolutamente nada.

Aliás para ouvirem o prefeito dizer que não podia pagar e o presidente da APREME acrescentar depois de uma simples reunião "... que tudo bem, aguardaremos até o mês de outubro." Pôxa, se uma simples reunião conseguisse esse milagre conciliatório de um grupo que pichou o prefeito como terrível e ameaçador..., essas pessoas não possuem muita personali-

de, para início de conversa. Essa falta de coerência da APREME, que se prendeu excessivamente em uma nota de jornal, mostrou um ímpeto muito grande de algumas pessoas em revolverem um assunto que não despertou um mínimo interesse naqueles que justamente o assunto dizia respeito. Acredito que nem em outubro o prefeito deve dar o aumento e quem abrir a boca deveria ir mesmo para a rua. Porque o cara (ou a professora) que não tem coragem de se posicionar numa luta para melhorias de qualquer tipo para sua classe, não merece mesmo o subsídio para a sua "mordomia". Por isso foi mais do que triste, foi lamentável o posicionamento, todos na vertical, dos professores municipais de Blumenau. Profundamente lamentável para toda a classe. Não os isenta de culpa nem mesmo o fato mencionado pelo professor Elvio Prevedello presidente da ALISC: "a situação demonstra somente a situação existente no país..." Mostrou infelizmente, o quanto nossos professores municipais permanecem alienados e marginalizados por opção própria de qualquer processo decisório. O quanto são frágeis e projetos encabeçados por geis e questionáveis as idéias seus líderes. Mostrou também o quanto daqui para frente Renato Vianna deverá ponderar seus repentes de espontaneidade, para não se desgastar politicamente numa carreira que somente desponta..

Al. Rio Branco, 539.

Este agora é o nosso endereço. Clientes, fornecedores e amigos são todos bem vindos na nossa nova sede própria.



**PLANEJAMENTO
E CONSTRUÇÕES LTDA.**

Al. Rio Branco, 539 - Fone: PABX (0473)
22-4400 - Blumenau - SC.

LIVROS**EDITORA FORENSE**

REVISTA DE DIREITO PENAL — Órgão Oficial do Instituto de Ciências Penais do Rio de Janeiro. Contém doutrina, versando sobre criminologia e análise do próprio sistema policial-judiciário, mecanismo de feitura das leis penais; também é tratado o aborto; o transexualismo, violência. De interesse para alunos e professores.

DA ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA EM GARANTIA — José Carlos Moreira Alves

O livro, desenvolve teses que, em muitos pontos, contrariam opiniões que se vêm consolidando desde a introdução, no direito brasileiro. Estuda as novas leis que se ocuparam do assunto, especialmente a das Sociedades Anônimas.

A NOVA DEFESA SOCIAL — Marc Ancel

A obra representou, qdo. surgiu a 1ª edição, autêntico manifesto da Nova Defesa Social. O sistema de justiça criminal vigente está em crise, pela discrepância profunda entre suas aparências e suas realidades. A leitura deste livro fará bem a nossos juristas, ajudando-os a compreender a problemática da moderna política criminal.

HERMENÊUTICA E APLICAÇÃO DO DIREITO — Carlos Maximiliano

Tem por objetivo destruir idéias radicadas no meio forense e propiciar um guia para as lides do tribunal e a prática da administração. Temas referentes à aplicação do Direito e completa síntese dos preceitos que especialmente regem a exegese de Atos Jurídicos, Direito Constitucional, Comercial, Criminal e Fiscal.

PSICOPATOLOGIA FORENSE — J. Alves Garcia

Proporciona aos peritos e juristas, os elementos de orientação, de retificação e simplificação dos dados com que se defrontam na prática judiciária. Acrescenta idéias e fatos novos, atualizando a obra com a legislação civil e penal vigente. Destina-se aos estudiosos que pretendem esclarecer questões forenses, incluindo-se médicos, advogados e estudantes de Medicina e Direito.

EDITORA MCGRAW-HILL DO BRASIL

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DOS DISTÚRBIOS DA APRENDIZAGEM E DIFICULDADES NA LEITURA — Alan O. Ross

O livro estabelece uma ponte entre o laboratório e a sala de aula. Essa ponte possibilita a que os interessados em crianças com distúrbios de aprendizagem mantenham intercâmbio com os que se dedicam à pesquisa sobre a aprendizagem.

Livro que interessa aos professores, orientadores pedagógicos, educadores.

DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE — Henry Clay Smith

A maioria dos estudantes que freqüentam os cursos de psicologia, o fazem para buscar um maior conhecimento de si mesmos. Este livro se preocupa com o melhor modo de apresentar a ciência para atender às necessidades do estudante. Com tópicos bem diferenciados e significativos, suficientemente abrangentes quanto ao desenvolvimento da personalidade constitui-se numa obra útil aos interessados na matéria.

DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE — Elizabeth B. Hurlock

Obra que trata dos principais problemas que enfrentam os adolescentes. Inclui, também, em função do ativismo dos adolescentes de hoje, um novo capítulo (adolescentes inconformistas) que, sem dúvida, torna um livro mais atual, foi acrescentado. De forma científica e pormenorizada, são discutidos os símbolos de status, níveis de aspiração, transição na moralidade, etc. De interesse para Professores de Psicologia, pais e os próprios jovens.

DISTÚRBIOS PSICOLÓGICOS NA INFÂNCIA — Alan O. Ross

Livro indispensável para quem desejar se familiarizar com a aplicação de teorias comportamentalistas em psiquiatria. Apesar de ser um assunto difícil de se tratar de uma forma simples, o autor consegue, com uma habilidade invulgar, torná-lo acessível e de leitura perfeitamente compreensível.

EDITORA EDGARD BLÜCHER LTDA.

MATERIAIS ELÉTRICOS — Walfredo Schmidt

Volume 2, Isolantes e Magnéticos. Estuda e traz detalhadamente informações sobre os Dielétricos, proprieda-

des mecânicas, térmicas, físico-químicas, materiais isolantes de uso industrial, isolantes pastosos e ceras, materiais magnéticos e núcleos laminados e compactados. Livro de interesse para estudantes e professores de engenharia.

COMO PROLONGAR A VIDA ÚTIL DE UMA CONFIGURAÇÃO DE PD REDUZINDO CUSTOS E MELHORANDO A QUALIDADE DOS SERVIÇOS — Alfredo Carlos C. Saad

O texto apresenta alguns caminhos a serem seguidos pelas instalações de Processamento de Dados (PD) com a finalidade de atingir os seguintes objetivos: adoção de técnicas de avaliação do desempenho de sistemas de computação para fins de redução de custos, melhoria da qualidade de serviços, prolongamento da vida útil, etc. Livro ideal para estudantes dos cursos de Processamento de Dados, igualmente útil para professores.

GEOMORFOLOGIA — Antônio Christofolletti

Trata dos processos e das formas das vertentes, das características das bacias hidrográficas e das redes fluviais, da morfologia litorânea e da morfologia cársica. No capítulo final, apresenta um panorama sobre as diversas teorias geomorfológicas.

EDITORA IBRASA

LAVAGEM CEREBRAL — Joost A.M. Merloo

O famoso psiquiatra trata do mentecídio — o rapto do espírito como denominou. Revela experiências reais da destruição sistemática da mente humana empregados por diversos governos para submeter seus governados. O autor sentiu na própria carne essas experiências durante a guerra e a invasão de seu país pelos alemães.

A BÍBLIA ESTAVA CERTA — Novas luzes sobre o novo testamento — Hugh J. Schonfield

O autor demonstra, à luz da ciência, a veracidade das passagens bíblicas, com clareza e vivacidade de estilo.

A ARTE DE VENDER — Janet L. Wolf

PARA A MULHER

Aborda com propriedade e finura, as influências, problemas e desejos da mulher moderna... as modificações que seus hábitos vêm sofrendo a partir de um século: o que ela quer de um produto, o que vai interessá-la e atraí-la e porquê.

EM BUSCA DE UMA TECNOLOGIA EDUCACIONAL

PARA AS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

— Manoel José Gomes Tubino

O leitor encontrará, com objetividade e clareza, todos os aspectos que tenham como alvo o desenvolvimento das valências físicas em qualquer tipo de atividade.

AJUDA-TE PELA AUTOPSICOTERAPIA

— Martin Shepard

Este livro foi escrito para pessoas "normais" interessadas em viver uma existência ainda mais realizada, e também para aqueles que se acham neuróticas, aflitas, deprimidas, ansiosas, perdidas, infelizes.

EDITORA CULTURA

O PAPEL DO AMOR

— Vários autores

Antologia de contos organizada por Edla Van Steen e reúne, entre outros, nomes como Ary Quintella, Autran Dourado, Edla Van Steen, Hilda Hilst, Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Ricardo Ramos, Rubem Fonseca.

TU NÃO TE MOVES DE TI — Hilda Hilst

"Poeta, dramaturga e ficcionista de extraordinários recursos, a escritora paulista Hilda Hilst é dos raros que trilham caminhos de uma complexidade criadora difícil de encontrar semelhantes" Nelly Novaes Coelho.

O CHORO NO TRAVESSEIRO

— Luiz Vilela

O autor que já deu provas sobejas de força narrativa em seu livro "Lindas Pernas", retorna, desta vez, com uma novela onde reitera o domínio seguro da língua brasileira transposta para a escrita. (Oldemar Olsen Jr.)

O PROTÓTIPO

— J.C. Carvalho Filho

Romance de ação, movimentado, apaixonante, uma história de amor, intriga e conflito. Pode um homem cultivar o seu jardim em terreno árido? Veja a resposta do autor no livro: O Protótipo.

UM NOVO MODO DE NARRAR

— Deonísio da Silva

Este é o segundo livro de ensaios do autor, o primeiro foi a Ferramenta do Escritor... Deonísio da Silva, através de uma obra que atinge seu ponto maior na contística (Cenas Indecorosas, Exposição de Motivos e Mesa dos Inocentes) integra com esse livro, sem favor algum, o primeiro time de escritores brasileiros. (Oldemar Olsen Jr.)



(Oldemar Olsen Jr.)

Um indivíduo deve possuir o direito — ainda que infame — de permanecer sozinho ao lado de um copo sem ter que dar explicações — posto que é sublime... os olhos podem condenar o ser, mas só a consciência liberta o homem... naquele momento eu estava livre.

Era assim, os copos estavam desordenados em cima da mesa, e também não poderia ser diferente. O único compromisso aceitável era o do descompromisso, havia uma necessidade de ser honesto comigo mesmo até, se preciso fosse, a custas de afrontar a natureza daquele organismo social — caoticamente organizado — porém nunca tangível visto que suas possibilidades eram inúmeras.

As sensações, os desejos, os sentidos manifestavam-se no estar ali... sabia que a lágrima era apenas um subproduto do sentimento, o importante mesmo era sentir — não que sentisse uma necessidade de chorar, interessante — embora inócuo — eram as suposições de quem (naquele instante derradeiro), pudesse, realmente conseguir chorar.

...Era uma mulher bonita... não sei o que mais nela me chamava a atenção se, o seu corpo esguio ou sua ma-

Um certo sabor de melancolia

neira coquete. Mas era uma dúvida que me não preocupava porque ela estava ali e eu poderia admirá-la como melhor me aprovesse. O mérito era mais dela em se fazer amar do que meu em amá-la.

Uma réstia de luz invadiu o recinto quando abri a janela, permaneci no extremo da sala observando na semi-obscuridade daquele canto os corpos que se moviam ao som maquinal de uma música moderna numa sexta-feira tristonha.

A fumaça dos cigarros logo confundiu-se com a neblina filtrada da rua e pude ver-me — existencialmente — num boteco soturno em uma das vielas históricas de Paris.

Lembrei-me de Paris quando aspirei mais intensamente a fumaça daquele cahimbo e vi-me com Sartre discutindo a inutilidade daqueles esforços para provar que existíamos e que valia a pena viver.

— É importante — dizia — termos consciência de que o nosso maior pecado (justamente) é ter a consciência desta consciência.

O que eu não explicava era a presença deste cidadão toda vez que estava na mesa de qualquer lugar — sozinho — bebendo... mas ele aparecia para mostrar a minha inutilidade.

Não quis interrompê-lo porque o meu pensamento não estava predisposto a uma discussão, eu gostava de viver momentos históricos, aquele era um deles e devia vivê-lo mais intensamente possível. Na verdade, acho até, que era um saudosista, um idealista ou talvez, um místico de ambos... haviam pontos comuns aos dois... o idealista vê no futuro alguma esperança, mas para o saudosista, a redenção pela esperança está no passado... o meio termo era impossível e, portanto, havia necessidade de identificar os momentos e vivê-los ao máximo... os elementos es-

tavam ali... haviam criado um instante mesmo que, efêmero, paralelo a verdadeira realidade, aquela era outra ou melhor, uma dentro da outra — estávamos vivos, existíamos, as dúvidas só apareciam quando se tentava dar um sentido ao existir ou quando se tentava justificar o que se fazia com uma teoria maniqueísta classificando todos os atos entre duas correntes ideológicas e tudo ressurgia dali.

Não era um hedonista, também e já passava a detestar ter que encontrar uma escusa para um engajamento... não havia necessidade de cultivar nada, nem reverenciar, nem dar explicações... o compromisso deveria ser com uma consciência hipotética de cada um e que se presumia necessária... palavras como: independência, renovação, original, espontâneo, individualista deveriam assumir papéis fundamentais naqueles minutos.

Foi quando tive minha atenção absorvida pelos seus passos... estava dançando, seu corpo movimentava-se ao ritmo ligeiro da música... alheia aos olhares cobiçosos de quantos pudessem desejá-la... até eu, surpreendi-me durante aquela melodia que, em meus sentidos, tinham um nome definido (Strangers in the Night) mas na realidade era outra coisa que estava tocando, mas bem que poderia ser, afinal aquele recinto estava em plena cidade — que também não era Paris — embora também não fosse um bar, mas eu me via num boteco parisiense... claro que não estava louco, mas era agradável se imaginar um exilado — sem raízes — cortejando apenas o insólito, o presente de uma "geração perdida" comprometida com o compromisso de viver intensamente.

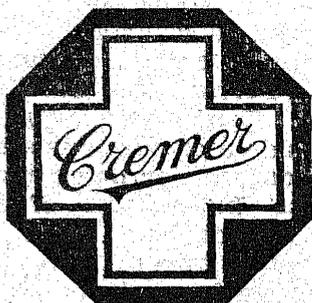
Depois cessou tudo, no pequeno intervalo — para surpresa minha — ela aproximou-

se e me convidou para dançar e nesse tempo pude sentir com vagar as linhas curvas de seu corpo e o contato sutil de seu rosto e ainda, o perfume de seus cabelos encaracolados e negros...

Os instantes foram rápidos, depois já estava à mesa novamente com aquele filósofo cínico dando uma conotação materialista e, absolutamente, inafetiva para o acontecimento, o que era uma forma de não ter vínculos para que não pudesse lamentar ou sofrer com uma dependência inconveniente.

Ela ficou ao meu lado até a noite terminar. Depois que saí, não pude evitar uma despedida derradeira em outro lugar, um boteco mesmo, desta vez sujo e obscuro onde havia realmente uma igualdade de classes. Sentei-me e o filósofo do "Ser e o Nada" sentou-se junto trazendo consigo o espírito da "engrenagem" que não estava em nenhum "muro" e nem poderia afirmar que "O Existencialismo era um Humanismo"... também não perguntou-me nada, porque o passado era passado e permanecemos mudos, analisando a anatomia vermícolada dos humanos boêmios.

Mas ela, seu rosto, seus encantos não saíram mais de minha mente, pude então, neste instante, descobrir a fragilidade de minha força e se me perguntassem ali: quem era aquela morena por quem me apaixonara? Bem sei que Sartre não me perguntaria isso... para ele o importante era a vida independente de justificativas... mas se alguém me perguntasse, eu continuaria pensando ironicamente: um indivíduo deve possuir o direito — ainda que infame — de permanecer sozinho ao lado de um copo sem ter que dar explicações — posto que é sublime... os olhos podem condenar o ser, mas só a consciência liberta o homem... naquele momento. Então, eu estaria, finalmente, livre!



SÍMBOLO DE QUALIDADE HÁ
MAIS DE 40 ANOS

BLUMENAU - SC